



Floresta resiste em 1% do território

CRISTIANE BONIN
cristiane@jornal.com.br

A vegetação do domínio atlântico — a floresta estacional semidecidual caracterizada por perder suas folhas durante o período de estiagem — restante em Piracicaba é de 1%, ou 694,2 hectares (ha), para uma área total do município correspondente a 137,23 mil ha. A mata remanescente na cidade corresponde aproximadamente a 1.020 campos iguais ao do Estádio Barão da Serra Negra (69 metros por 101 metros). Porém, o que parece ser volumoso na verdade são áreas fragmentadas, ou seja, estão distribuídas em porções em todo território o que implica na perda de biodiversidade. Os números fazem parte do levantamento mais recente, de 2008, da ONG (Organização Não-Governamental) SOS Mata Atlântica sobre o que resta da floresta nas cidades brasileiras.

As áreas relacionadas no levantamento tem tamanho igual ou maior que cinco hectares, segundo a metodologia do trabalho elaborado pela SOS e Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). Uma dessas áreas encontra-se em meio ao canal, nas

divisas entre Piracicaba, Saltinho e Rio das Pedras. De acordo com Márcia Hirota, diretora de gestão do conhecimento da ONG e coordenadora do Atlas dos Remanescentes Florestais, a floresta, mesmo fragmentada, tem importância tanto para a vida da fauna e da flora quanto para os seres humanos.

“A floresta oferece serviços ambientais como a proteção das margens de rios e das nascentes. É ela quem assegura o fluxo hi-

drico e que a água chegue às torneiras de nossas casas. Assim, a floresta não é tão somente um local isolado aonde vivem flores, plantas e bichos sem qualquer vínculo com nós, humanos. A floresta

tem uma relação intrínseca com a nossa proteção”, disse Márcia.

O perfil de Piracicaba é semelhante aos municípios do interior do Estado de São Paulo, relata a coordenadora do atlas da ONG. “A grande parte do que sobrou está na Serra do Mar e no Morro do Diabo. A característica da floresta no interior do Estado é de pequenos fragmentos, mas espero que aconteça a recuperação dessas áreas. O simples gesto de abandonar algum resquício de

Maioria das áreas é fragmento de floresta estacional



Mata nativa que fica entre canais das cidades de Piracicaba, Saltinho e Rio das Pedras

mata já contribui para o processo de restauração”, afirmou. Para Márcia, a legislação ambiental tem seu papel no sentido de proteger e incentivar a recuperação de APPs (Área de Preservação Permanente).

O professor da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), Gerd Sparovek, que coordenou o Atlas Rural publicado pela escola em 2007, avalia que é difícil fazer um prognóstico so-

bre a possibilidade de recuperação das florestas atlânticas em Piracicaba. Em sua opinião, a atuação do Ministério Público nas questões ambientais tem ajudado a natureza. “O Judiciário está acordando para esses problemas e passando a exigir o cumprimento do Código Florestal”, disse. O conjunto de leis reconhece a utilidade da vegetação e regula a exploração das matas.

A questão da certificação do

etanol para exportação, que envolve um selo verde e consequentes práticas corretas da lavoura em relação ao meio ambiente, também deve auxiliar a recuperação das florestas, afirma Sparovek. Porém, a rediscussão no Congresso Nacional de possível abrandamento do Código Florestal e a invasão da cana em locais aonde a cultura não existia jogam contra o meio ambiente, relata.

Estância tem mais áreas

A estância de São Pedro, distante 38 quilômetros de Piracicaba, possui 5%, ou 268 hectares (ha), de remanescentes florestais do bioma Mata Atlântica. É o maior índice para proporcionalidade em relação ao território dentro da região de Piracicaba conforme divulgado no Atlas dos Remanescentes Florestais da ONG S.O.S. Mata Atlântica.

No segundo lugar no ranking, com índice de 3%, estão Capivari e Charqueada com respectivos 850 ha e 247 ha. Rafard empata com Saltinho a terceira posição com 2% de remanescente florestais — Rafard tem uma área de mata igual a 257 ha e, Saltinho, 145 ha. Rio das Pedras, com 145 ha do bioma atlântico, só tem 1% de floresta em relação ao seu território.

Trabalho do professor da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), Ricardo Ribeiro Rodrigues, indica que a floresta estacional semidecidual estão restritas “a pequenos fragmentos remanescentes enclavados em áreas de difícil acesso, consideradas inaptas para práticas agrícolas ou protegidos na forma de reservas ou parques ecológicos por ação institucional e até de alguns proprietários rurais.”